

O mundo, na fase de solução dos problemas.

A. M. Pimenta Neves, correspondente em Washington.

O secretário-adjunto do Tesouro e principal coordenador das negociações financeiras internacionais pelos Estados Unidos, R. T. McNamar, afirmou que as grandes incertezas já foram superadas e que a Fase III, dessas negociações, deverá produzir a solução dos problemas da dívida externa dos países em desenvolvimento.

Reconhecendo que alguns analistas poderão considerar sua visão ingenuamente otimista, McNamar — que o ministro Ernane Galvão considera um grande amigo do Brasil — disse que substanciais progressos foram alcançados e duras lições aprendidas nos últimos 15 meses. Mas a solução dos problemas da dívida ainda dista uns dois anos de hoje, até mesmo para as nações que se encontram em situação mais favorável. Este final de ano marca a transição da Fase II para a Fase III nas negociações entre credores e devedores, sob a égide do FMI.

A despeito de sua visão otimista, McNamar acredita que alguns problemas que caracterizaram o difícil diálogo continuarão ocorrendo. “Espero de fato que na Fase III continuará havendo minicrises na sindicalização (dos empréstimos) dos bancos, à medida que alguns deles tentem esquivar-se dos empréstimos internacionais. E longas e extremamente difíceis negociações em torno da extensão dos períodos de carência, de comissões, spreads (taxas de risco) e outras condições continuarão produzindo minicrises específicas para alguns países no futuro previsível”, afirmou o secretário-adjunto do Tesouro, num discurso pronunciado durante a V Conferência Monetária e Comercial Internacional, realizada na cidade de Filadélfia.

O discurso contém uma longa e franca análise das razões da crise da dívida, e uma vigorosa defesa da estratégia defendida pelos Estados Unidos para sua solução. Países como Brasil, México e Argentina

são mencionados com frequência.

A Fase I das negociações “caracterizou-se pela mentalidade de crise e preocupação sobre a liquidez” e foi deflagrada no dia 12 de agosto de 1982 pela confissão das autoridades mexicanas ao Tesouro de que as divisas do país se esgotariam em menos de uma semana. A Fase II, iniciada em fevereiro de 1983, marcou o período em que os países industrializados e em desenvolvimento, segundo McNamar, perceberam o que deveria ser feito para estabilizar e fortalecer a economia mundial. A Fase III responderá pela solução ordeira dos problemas da dívida nos próximos anos.

Uma das características importantes da Fase II, disse McNamar, foi a ascensão e queda da idéia de se formar um cartel dos devedores e dos apelos para “soluções globais”. Os países devedores, observou, compreenderam que a situação de cada país é específica e requer solução específica, e que suas perspectivas de crescimento futuro são alimentadas pela cooperação com as nações industrializadas e com a comunidade bancária, e não pela confrontação. Na Fase II, a comunidade internacional também compreendeu os perigos inerentes a planos financeiros elaborados de maneira apressada, tal como o que se concebeu para o Brasil inicialmente, disse.

Componentes da Fase III

A Fase III, segundo McNamar, se baseará na implementação da estratégia de cinco pontos dos Estados Unidos para resolver a situação da dívida: 1) Promoção de crescimento sustentável não inflacionário nos países industrializados; 2) Adoção de políticas econômicas nos países em desenvolvimento que lhes permita viver de acordo com seus recursos; 3) Fortalecimento de instituições financeiras internacio-

nais, como o FMI; 4) Continuação dos empréstimos bancários; e 5) Disposição dos governos e do BIS de continuarem concedendo empréstimos-ponte, quando necessários.

A estratégia continua válida para McNamar, mas advertiu que a Fase III poderia ser ameaçada se as nações industrializadas forem incapazes de conter as pressões protecionistas, se houver aumento das taxas de juro internacionais e se o preço do petróleo elevar-se. Quanto às duas últimas questões, acha que as perspectivas são encorajadoras. Citou analistas que acreditam que o preço do petróleo pode cair de novo. Está menos tranqüilo quanto à capacidade dos governos de conter as pressões protecionistas.

McNamar considera que o problema da dívida externa de um país estará resolvido quando: 1) A relação entre o serviço da dívida e as exportações se encontrarem em nível administrável e sustentável por dois ou três anos consecutivos; 2) Os bancos comerciais reiniciarem empréstimos voluntários (sem pressão do FMI e dos governos) aos países devedores; 3) Existir um mercado ativo de bônus em moedas conversíveis para as debêntures do país; 4) O Banco Central do país devedor tiver reservas em moedas fortes que lhe permitam enfrentar interrupções nos empréstimos externos; e 5) A renda per capita do país tiver aumentado por dois anos consecutivos, pelo menos.

Embora acredite que a Fase III trará a solução dos problemas da dívida, o progresso nessa direção não é automático, disse McNamar. Os países em desenvolvimento, afirmou, terão de adotar políticas que fortaleçam sua posição, estimulando, por exemplo, maior volume de investimentos estrangeiros diretos. “Tais investimentos melhoraram sua balança de pagamentos, aumentam o emprego e transferem tecnologia para o país em desenvolvimento”, disse.